

Representações docentes na revista *Nova Escola*

João Carlos Amilibia Gomes¹

RESUMO

O presente trabalho analisa representações docentes em matéria da revista *Nova Escola* intitulada “*Vou me aposentar. E agora?*”, publicada em novembro de 2004, a qual, conforme o próprio título evidencia, enfatizava aspectos relativos à aposentadoria de professores e professoras. O material é tratado como um objeto cultural voltado prioritariamente para o meio docente brasileiro, e conectado a práticas sociais específicas de nossa cultura, sendo, portanto, um espaço de lutas, no qual determinados discursos são representados, ou seja, trata-se de um lugar de exercício de poder. Deste modo, utilizo-me do pressuposto de que o significado de um dado objeto advém da forma como o mesmo é socialmente construído através da linguagem, da representação e, também, dos espaços onde ele circula. Assim, a análise se realiza a partir de um estranhamento no que concerne às “representações-verdade” expressas no decorrer da matéria, vendo-as como construções históricas e contingentes. Após uma breve apresentação do material em estudo, passa-se à análise do mesmo, enfocando três eixos: o impacto do trabalho na identidade do trabalhador; identidades docentes; pensamento moderno e sexismo linguístico. No que tange ao primeiro, é importante focar que na medida que, por exemplo, boa parte da existência de uma pessoa venha a ser caracterizada por sua atuação profissional como professor/a, esta pessoa ver-se-á e será vista pelos outros como um/a professor/a, o que significa ver-se e ser visto com uma dada cultura, ideias, interesses, determinadas práticas e formas de atuar. Desta forma, baseamo-nos na ideia de que o trabalho modifica a identidade do trabalhador, assim como seu “saber trabalhar”, sendo que as vivências dos/as professores/as enquanto aluno/as, dentro do futuro espaço de trabalho, também possibilitam conhecimentos, crenças e representações que terão relevância em suas práticas docentes. O segundo eixo é explorado para evidenciar que, possivelmente, determinadas marcas presentes nas identidades representadas nos textos escrito e imagético se relacionam com o pensamento moderno, tornando-se possível pensar que a revista colabora, através de determinadas representações docentes, para a conservação e/ou restauração de padrões e condutas sociais que pareciam superados. Quanto ao sexismo linguístico, ele é abordado a partir da constatação de que as mulheres são constantemente incluídas no masculino linguístico. Por fim, a matéria analisada é situada como um artefato da cultura, com enorme potencial para colonizar as mentes de um enorme contingente humano, em especial no campo docente, com representações-verdade despidas de qualquer forma de violência, ou seja, representações em que o poder é exercido pela prática da governamentalidade, onde nos tornamos agentes de nossa própria sujeição.

Palavras-chave: Revista pedagógica. Identidade docente. Representações.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Doutorando em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Teaching representations in the periodical *Nova Escola*

ABSTRACT

This study examines teacher representations in the article titled “I will retire, and now?” of the periodical *Nova Escola*, published in November 2004, which, as the title shows, emphasized aspects related to retirement of teachers. This material is treated as a cultural object oriented primarily to Brazilian teacher context and is connected to specific social practices of our culture; therefore, it is a space of struggle, in which certain discourses are represented, or, in other words, it is a place of empowerment. Thus, I use the assumption that the meaning of a given object comes from how it is socially constructed through language, representation, and the spaces where it circulates. So the analysis is conducted based on a strangeness in relation to the “truth–representations” expressed all long the article and seen as historic and contingent constructions. After a brief presentation of the material, it is analyzed focusing on three areas: the impact of work on worker's identity, teacher identities, modern thinking and linguistic sexism. In relation to the first point, it is important to consider that, for example, much of the existence of a person will be characterized by his-her professional performance as a teacher. Also by the fact that this person will see her-himself and will be seen by others as a teacher, which means that a given culture, ideas, interests, certain practices and ways of acting will influence this perception. Thus, we rely on the idea that the work changes the identity of the worker and his-her “working know-how” and we consider that the experiences of the teacher when he-she was a student will be present in the future workspace and enables knowledge, beliefs and representations that will be important in his-her teaching practices. The second axis is explored to show that possibly some present marks in the identities represented in written texts and images relate to modern thinking, which makes possible to think that the periodical collaborates, through certain teacher representations, for the conservation and / or restoration of social patterns and behaviors that seemed to be overcome. The linguistic sexism is approached from the finding that women are constantly included in the male linguistic. Finally, the studied article is situated as an artifact of culture, with enormous potential to colonize the minds of a large human contingent, particularly in the teaching area, with truth-representations stripped of any form of violence, in other words, representations in which power is exercised by the practice of governmentality, where we become agents of our own subjection.

Keywords: pedagogical periodical, teacher identity, representations.

INTRODUÇÃO

Em novembro de 2004, a revista *Nova Escola* editou uma matéria intitulada – “*Vou me aposentar. E agora?*” – a qual, conforme o próprio título evidencia, enfatizava aspectos relativos à aposentadoria de professores e professoras. Este trabalho analisará tal matéria, no que concerne às representações docentes.

A matéria elaborada por Giovana Girardi, com colaboração de Carla Soares, será tratada como um objeto cultural destinado prioritariamente ao universo docente brasileiro e conectado a práticas sociais específicas de nossa cultura, sendo, portanto, um espaço de lutas, no qual determinados discursos

são representados. Logo, trata-se de um lugar de exercício de poder. Assim, parte-se do pressuposto de que o significado de um dado objeto advém da forma como o mesmo é socialmente construído através da linguagem, da representação e, também, dos espaços onde ele circula. Portanto, a análise se realizará a partir de um certo estranhamento em relação às “representações-verdades” existentes na matéria, vendo-as como construções históricas e contingentes.

REVISTA NOVA ESCOLA – DE ONDE ELA VEM?

Na década de 80 do século passado, mais precisamente em 1985, foi criada, pelo fundador da Editora Abril, a Fundação Victor Civita, que, na sua origem, propõe-se a contribuir para a melhoria do Ensino Fundamental do país, investindo nos professores e voltando-se, para tanto, principalmente ao campo público mais carente de recursos. Desta forma, em 1986, a Fundação lança, no primeiro trimestre do ano, a revista *Nova Escola*, já alcançando grande penetração nas escolas públicas de 1º Grau do país.

O lançamento da *Nova Escola* ocorre com apoio advindo de empresas privadas e do Ministério da Educação, sendo que o contrato firmado pela Fundação com o referido Ministério foi elemento fundamental para um inicial e substantivo acesso às escolas públicas de 1º grau do país, ou seja, conforme Silveira (2006, p. 10) “todas as 220.000 escolas públicas de 1º Grau existentes no país nesse período passaram a receber, mensalmente, um exemplar da revista”. Aliás, Costa e Silveira (1998), no “apagar das luzes do século XX” (o grifo é meu), já chamavam a atenção para o alcance da revista no meio docente brasileiro e vincularam tal condição de inserção e aceitação à forma inicial de distribuição e divulgação da *Nova Escola*, enfatizando que, nos primeiros cinco anos de sua existência, em decorrência de convênio da Fundação com o Ministério da Educação (FAE), o periódico podia ser repassado gratuitamente às escolas públicas de todo Brasil.

Além dos aspectos imediatamente abordados, também é importante que atentemos, ao olharmos para as duas décadas de existência da revista, para a experiência do Grupo Abril na área educacional, o que se evidencia, por exemplo, pelo lançamento, anterior, da revista *Escola*, no início de 1972.

O periódico *Escola* dedicou ênfase aos assuntos e práticas docentes, mas circulou por período reduzido – 1972 a 1974 – não escapando a uma tendência

relativa às revistas destinadas a professores/as, na década de 70: a de terem vida curta. A *Escola*, vale salientar, não contou com subsídios de órgãos do aparato estatal. Todavia, a experiência não parece ter deixado um produto inteiramente negativo, afinal, a vida da revista *Nova Escola* se revela mais vigorosa, e ostenta uma existência significativa de duas décadas. Neste sentido é sintomática a observação de Silveira (2006, p. 12), de que a

Nova Escola parece ser uma retomada do antigo projeto da revista *Escola*. É interessante notar que, desde 2003, os editoriais da *Nova Escola* apresentam o conteúdo da revista a seus leitores referindo-se a si própria como *Escola*, e não mais como *Nova Escola*.

Em período recente, em dezembro de 2005, conforme o site de publicidade da marca Abril, a revista *Nova Escola* contava com 429.188 assinaturas, mantendo-se, portanto, com grande penetração no meio docente, e sendo, dessa forma, um artefato cultural de grande potencial no âmbito da formação de subjetividades no campo educacional brasileiro.

UMA BREVE APRESENTAÇÃO DA MATÉRIA – “*Vou me aposentar. E agora?*”

É nas páginas de tal revista, pois, a de maior penetração junto aos docentes brasileiros, nas duas últimas décadas, que encontramos a matéria que passamos a analisar. A primeira parte do texto apresenta a professora paulistana Elza de Oliveira, que completara 70 anos, e havia sido compulsoriamente aposentada em decorrência da idade. Conforme a matéria, Elza acreditava que, ficando longe dos alunos, sua vida perderia muito de sua graça e até tornar-se-ia vazia. Por isso, desejava continuar lecionando “ainda que de graça”. A situação de Elza é então, colocada como parte de um dilema comum a muitos educadores que aguardam a aposentadoria sem planejamento para o preenchimento do tempo pertinente a mesma, e ficam sem saber que rumo tomar quando ela chega.

Logo a seguir, após o subtítulo “*Falta dos colegas*”, emerge o relato de Abigail do Amaral Maduro, vinculada ao sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), que explicita o fato de alguns

professores entrarem em desespero, quando sozinhos em casa, pois sentiriam “falta da convivência com os alunos e da conversa com os colegas na hora do intervalo”. A matéria também explicita que o sindicato oferece cursos e oficinas aos educadores que deixam a ativa, bem como propicia orientação voltada à preparação para deixar a escola e ter bom proveito no momento seguinte.

No parágrafo imediatamente posterior ao outro subtítulo, “*Tempo de despertar*”, aparece comentário do professor de Matemática Mario Omura, cuja idade não consta no texto (as professoras representadas na matéria tiveram suas idades citadas) e, que, frente à aposentadoria obtida em 1991, conta: “preparei a mente e planejei minhas futuras atividades”. Observa que sentiu falta dos debates com os alunos e passou a se dedicar à fotografia, dança de salão, se tornando voluntário de uma ONG (Organização Não Governamental) que cuida de crianças abandonadas. No decorrer da abordagem desse caso, novamente ocorre a aparição de uma voz oriunda do meio sindical: a voz do vice-presidente do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro e Região, o qual comenta que a aposentadoria “é o momento de estudar e *voltar* a ler” (os grifos são meus) – como se as/os professoras/es não tivessem o hábito de ler, no decorrer dos seus respectivos exercícios docentes. O Sinpro-Rio inclusive ofereceria cursos para aposentados. O texto também aponta que as universidades mantêm projetos destinados a terceira idade.

Um pouco mais à frente, Rita de Cássia Stano, autora do livro *Identidade do Professor no Envelhecimento*, faz “interessante registro”, afirmando ser importante fazer da aposentadoria um tempo de “reinvenção de si”, assumindo outras atividades sem deixar de lado a identidade de professor, o que foi abordado no parágrafo subsequente no subtítulo “*A serviço dos mais jovens*”. Sob este último aparece Ana Benedita G. Brentano, de 61 anos, aposentada em 1995, que afiançou: “Parar de trabalhar nunca passou pela minha cabeça”, e o motivo, segundo ela, não seria apenas financeiro, pois primeiro viria sua realização profissional. Atuando como técnica do Instituto Avisa Lá, ONG paulistana que tinha como objetivo dar embasamento pedagógico a professores (digitado conforme a revista, sem “/ as”) da Educação Infantil e das primeiras séries do Ensino Fundamental, estaria envolvida com quatro projetos e consultorias na área da educação. Ela comenta que a capacitação insuficiente de determinados profissionais é resultado da falta de alguém que os oriente a pensar sobre sua prática de ensino. Daí a importância, segundo Ana, de que

docentes mais experientes como ela não se afastem da escola definitivamente após a aposentadoria, pois poderiam contribuir com seus conhecimentos.

Por fim, após o subtítulo “*Para sempre professor*”, figura Maria Liége Bacelar Palácio, que, depois de 25 anos no magistério, resolve viabilizar “projetos que estavam parados por falta de tempo”. Passou a pintar telas e “trocou os estudantes por pacientes”, integrando-se como voluntária ao grupo de Apoio à Criança com Câncer (Gacc); assim, conforme a matéria, conseguiu “preencher a falta que sentiu do contato constante com os jovens nos primeiros tempos após deixar o trabalho na escola”.

O box, integrado à matéria, tergiversa sobre a aposentadoria “*dos professores*” (digitado conforme a revista, sem /as e /as) da Educação Básica, a qual, “cinco anos antes dos demais profissionais”, seria um privilégio, segundo a matéria, que estaria gerando polêmica, face à crise da Previdência.

No que concerne às fotografias escolhidas para ilustrar a matéria, a de Elza registra a “despedida da sala de aula”; a de Mario o exhibe dançando; a de Maria Liége a expõe numa cena ladeada por três meninos, na qual ela entorna, com auxílio de um dos meninos, um recipiente colorido sobre outro transparente, parecendo transferir o conteúdo de um para outro; os meninos mantêm a atenção no processo descrito aparentando plena atenção; e a de Ana a apresenta trabalhando com jovens professoras.

ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DOCENTES

É importante registrar que, em um primeiro momento, a observação da professora Elza de Oliveira – a qual expressa que, estando longe dos alunos, sua vida perderia muito de sua graça e até tornar-se-ia vazia – provoca um olhar mais atento para o impacto do trabalho na identidade do trabalhador. Tardiff (2002) evidencia que sob o ponto de vista sociológico é possível concluir que o trabalho modifica a identidade do trabalhador, ou seja: ao dar aulas, um/uma professor/a, passaria a ter marcas de seu trabalho na própria identidade. Entretanto, no presente texto existem outros dois fatores a serem pensados, os quais são relevantes no tocante às representações docentes: o sexismo linguístico e o vínculo entre o “dar aula” e uma substantiva “carga afetiva” voltada ao universo do trabalho, que atinge momentos de destaque, no caso de Elza, quando se relata que primeiramente ela escreveu para a secretária de Educação do município “pedindo para continuar lecionando, ainda que de

graça” e em segundo momento em que afirma “Vou continuar indo à escola todos os dias como voluntária” . No que concerne às marcas do trabalho na identidade, é importante focar que na medida que, por exemplo, boa parte da existência de uma pessoa venha a ser caracterizada por sua atuação profissional como professor/a, esta pessoa ver-se-á e será vista pelos outros como um/a professor/a, o que significa ver-se e ser visto com uma dada cultura, idéias, interesses, determinadas práticas e formas de atuar. O trabalho modifica a identidade do trabalhador, bem como, com o passar do tempo também, o seu “saber trabalhar”, pois o aprender a trabalhar ocorre de forma progressiva. Portanto “pode-se dizer que os saberes ligados ao trabalho são temporais” (TARDIFF, 2002, p.58) e, no caso dos/as professores/as, devemos lembrar que, no processo de socialização enquanto alunos/as, eles/as já tiveram vivências, por significativo período, no próprio espaço de trabalho, o que lhes propicia um conjunto de conhecimentos, de crenças e de representações pertinentes à prática docente. Segundo Tardiff “Na América do Norte (...). Os alunos passam através da formação inicial para o magistério sem modificar substancialmente suas crenças anteriores a respeito do ensino.” (TARDIFF, 2002, p.69). Provavelmente, saberes adquiridos no decorrer das socializações primária e escolar têm importância para a compreensão da natureza de determinados saberes utilizados na prática docente.

Entretanto, nos casos de Elza e Maria Liége, as identidades construídas histórica, social e culturalmente evidenciam marcas aparentemente pertencentes a uma relação originalmente estabelecida pelo pensamento moderno, tanto no que tange ao expressado no texto verbal da revista, quanto no que se evidencia nas fotografias. Assim, no final do século XVIII, ocorreu na Europa Ocidental um movimento que teve fundamental importância no processo de transformação da família, da infância e do lugar social das mulheres, lançando as bases da moderna vida privada, que se disseminou e se fortaleceu no decorrer do século XIX. Este último foi um período de substantivas mudanças no âmbito da educação escolar, e, neste cenário, novas estratégias de controle, no que concerne aos/as alunos/as, foram emergindo. Ocorreu um esforço no sentido de criar um indivíduo autocontrolado, através de mecanismos interiorizados de controle, em detrimento, por exemplo, de castigos físicos. Como parte deste processo, entram em cena as ciências da infância, dentre as quais a Psicologia e a Pedagogia, que, entre o fim do século XIX e início do XX, buscam “conhecer a criança”, esta que será vista como portadora de uma personalidade própria e que deverá desabrochar na escola.

Nesse quadro, o acompanhamento do desenvolvimento da criança passaria a envolver “empatia e identificação com ela” e estas características seriam exigidas das mães e professoras. As transformações no campo da disciplina pedagógica e na concepção de criança fazem parte de um processo voltado tanto à identificação da escola com a domesticidade quanto da docência para crianças com a feminilidade. Afloram pregações que defendem a transformação das escolas em locais agradáveis, sendo que deveriam se inspirar no lar e na família, os quais segundo Carvalho (1999, p. 70) “(...) são representados como espaços sem conflitos (...)”

As mulheres têm poder perante as crianças; são dependentes, entretanto, dos homens no universo social. No período posterior à IIª Guerra Mundial, as mulheres são chamadas a exercerem a maternagem, sendo que os apelos se embasam nas teorias psicológicas do vínculo materno. Dissemina-se, então, um discurso de responsabilização das mães que passaram a responder, fundamentalmente, pelo fracasso e/ou sucesso de seus filhos, no que tange ao desenvolvimento psicológico. O amor materno é estabelecido como natural. No mesmo período, com base neste modelo de maternidade total, foi potencializada a idéia de que as professoras se inspirassem no pensamento maternal ao se relacionarem com seus alunos.

Nos anos 80, Carvalho refere uma pesquisa de Guiomar Namó de Mello (1987), na qual professoras do Estado de São Paulo, ao responderem um questionário de Mello, “mantinham um discurso fortemente marcado pelas metáforas (...) da doação, da vocação e do sacerdócio, destacando características como ‘calma, amor, carinho e paciência’ como parte fundamental de seu trabalho.” (CARVALHO, 1999, p. 95). Já na década de 1990, Carvalho ao realizar sua dissertação de mestrado pôde verificar novamente “a articulação entre os papéis materno e docente” (CARVALHO, 1999, p. 96).

É interessante pontuar que, dezessete anos após a pesquisa de Mello citada, a revista Nova Escola põe em circulação uma matéria em que as idéias de doação e amor são potencializadas no campo docente, através da representação de duas professoras aposentadas, Elza e Liége, em um tipo de abordagem que preocupa, quando lembramos que os procedimentos e habilidades obtidos pelas mulheres no âmbito da socialização, embora utilizados no universo do trabalho, não são considerados como componentes de qualificação e, portanto, deles não advêm melhorias salariais. Aliás, as qualidades relacionadas à feminilidade são tratadas como naturais e disto

decorre que não servem para melhoria hierárquica no emprego e muito menos para a já referida ampliação de salários. Segundo Costa e Silveira (1998, p.356) “Em uma ordem político-social regida por regras, critérios e normas edificadas sob o signo da racionalidade técnico-científica, áreas ocupacionais pautadas pela ‘ordem do coração’ estão situadas em um desprotegido e desvalorizado patamar social.”

Ampliando a abordagem, volto-me para outra personagem citada na matéria, a educadora Ana, que aparece trabalhando com jovens professoras, em uma fotografia na qual cabe enfatizar a ausência de professores (representantes masculinos), o que se torna mais interessante quando se anexa a informação de que, segundo a redatora da matéria, a ONG tem por objetivo dar embasamento pedagógico a professores da Educação Infantil e as primeiras séries de Ensino Fundamental. Ana, Elza e Liége têm, respectivamente, suas ações de trabalho apresentadas na área entre a Educação Infantil e das primeiras séries do Ensino Fundamental. Por outro lado, curiosamente, face ao já exposto, Mario Omura, único representante masculino dentre os entrevistados aposentados, é encontrado vinculado ao Ensino Médio e ao Ensino Universitário, em geral, ambos mais bem remunerados que a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Também cabe chamar a atenção para o fato de que, enquanto Elza crê que sua vida tornar-se-á vazia e perderá a graça ao ficar longe dos alunos, pois dar aula é sua “paixão”, ou seja, a base de sua inquietação está associada aos sentimentos, no caso de Mario Omura, ele sente falta dos debates com os alunos; aqui, a questão não é de sentimento, mas relativa a uma ação intelectual. A fotografia concernente a Omura o coloca numa área externa à escola, dançando, o que torna oportuno um adendo: o público, nas instituições e idéias embasadas no pensamento moderno, predomina hierarquicamente sobre o privado (doméstico), sendo o primeiro considerado a esfera do masculino e o segundo, a esfera do feminino. A sala de aula onde está Elza é aparentemente uma extensão do universo doméstico (privado); o salão de dança onde está Omura simboliza um vínculo com o público.

Os parágrafos anteriores tornam evidente a importância do gênero nas representações estabelecidas, bem como a importância do gênero como construção social de significados que atravessam o mercado de trabalho, o ensino, a escola e o sindicato. Assim as representações de gênero expressam o predomínio de determinados grupos sociais que, num dado momento e espaço, consubstanciam suas identidades e determinam a de outros grupos. Portanto, a suposta harmonia entre a afetividade feminina e o caráter da docência é uma

construção social, histórica, cultural e, sendo assim, é contingente, faz parte de relações de poder. E, quando as referidas representações se apresentam através de um conjunto de textos, são potencializadas enquanto instituidoras de verdades. Costa e Silveira (1998, p.357) registram que, como refere O’ Sullivan (1994), “As fotografias de notícias e as imagens são convencionalmente ancoradas através de legendas, comentário ou narração. Isso serve para reduzir a abertura potencial da imagem, e, procurando interpretar e naturalizar seu significado, pode agir como um guia para leitores e espectadores.” As fotografias expostas na matéria da Nova Escola funcionam como textos complementares aos que estão nas legendas, comentários e/ou narração, próprios do corpo do objeto cultural e portanto fundamentais no âmbito das representações.

Complementando o quadro referido ao longo da presente análise, a linguagem expressa um certo sexismo lingüístico, à medida que as mulheres são constantemente incluídas no masculino, como, por exemplo, nas seguintes frases: “Muitos educadores passam...” (p.24) e “Falta dos colegas” (p.24). Tal linguagem é coerente com representações embasadas em binarismos que historicamente instituem o predomínio do masculino sobre o feminino. Se partirmos do pressuposto de que a linguagem constitui os fatos, expressar um conjunto de professores/as, por exemplo, independentemente do número de representantes masculinos e femininos, através do genérico masculino, é reforçar uma dada posição classificatória e/ou hierarquia no âmbito dos gêneros; principalmente, quando se trata do universo docente, em nível de Educação Infantil e Ensino Fundamental, nos quais existe significativo predomínio numérico feminino.

Tendo em vista as representações e a própria linguagem da revista Nova Escola, evidenciadas na abordagem feita nos parágrafos anteriores, trarei para o presente texto alguns aspectos tratados por Costa e Silveira (1998) no que concerne à citada revista entre os anos 1990 e 1996. As autoras, no trabalho intitulado “*A revista Nova Escola e a constituição de identidades femininas*”, ressaltaram, em relação ao magistério, o quão fecundos pareciam ser, no tocante à constituição de padrões e referências sociais, determinados produtos da mídia escrita, dentre os quais, as revistas para docentes. No mesmo texto, também chamaram a atenção para a forma como setores da mídia investiam na restauração e revalorização de certas representações pertinentes à submissão feminina e situaram o magistério em uma posição desfavorável no jogo de correlação de forças social, no qual o privilegiado é o hegemônico mundo masculino. Referiram que as imagens masculinas eram menos freqüentes e

predominantemente associadas ao mundo exterior, à escola e à sala de aula e, em geral, “ligadas ao uso da tecnologia, à idéia de ordem e diretividade, a posturas grandiloqüentes e a espaços teóricos e decisórios de reconhecida relevância social.” (COSTA e SILVEIRA, 1998, p. 355). Além disso, observam a necessidade de atenção no que diz respeito às estratégias da revista, voltadas a entrelaçar a seus textos escritos e imagens representações da professora como naturalmente afetuosa, dedicada, paciente.

Retomando, em decorrência do parágrafo anterior, a representação de Mario Omura na Revista Nova Escola de 2004, realizada oito anos após a pesquisa de Costa e Silveira, que analisaram 63 fascículos da referida revista entre 1990 e 1996, pode-se notar que a matéria de 2004 mantém tendências da década de 90, de uma certa economia no tocante ao número de imagens masculinas, assim como no sentido de associá-las a espaços externos à escola e à sala de aula. Também se reproduz a representação masculina vinculada a espaço teórico de reconhecida relevância social; afinal, a universidade é inegavelmente um lugar de significativa produção teórica e de reconhecida relevância social. E ainda se localizam as idéias de ordem, diretividade e posturas grandiloqüentes, pois Omura, na iminência da aposentadoria, preparou a mente e planejou futuras atividades, tornou-se mais ativo do que nunca, equilibrou lazer, vida social e atenção à família, dedicou-se à fotografia, a um coral, a dança de salão e tornou-se voluntário de uma ONG (Organização Não Governamental) que cuidava de crianças abandonadas. Ou seja, considerando-se a associação docência – afetividade, na matéria da revista Nova Escola de 2004, envolvendo as professoras, e a forma como o professor é representado na mesma, bem como as permanências encontradas quando comparamos a referida matéria com características presentes e evidenciadas na pesquisa de Costa e Silveira, no que concerne à revista no período 1990-96, é possível pensar no sentido de que a revista colabora através de determinadas representações docentes, no sentido da conservação e/ou restauração de padrões e condutas sociais que pareciam superados.

A revista Nova Escola, enquanto artefato da cultura, tem enorme potencial no sentido de colonizar as mentes de um grande contingente humano, em especial no campo docente. Assim, uma política de identidade que incida sobre o universo docente, com representações que expressem o predomínio do masculino sobre o feminino, pode atingir grande produtividade no tocante à formação das subjetividades. As representações presentes no artefato cultural podem ser tomadas como verdadeiras por professoras e professores, que, internalizando determinadas idéias, poderão assumi-las como

organizadoras de suas práticas. Ou seja, a partir da internalização de um dado discurso, o sujeito assume o mesmo como seu; assim a revista em questão é um lugar onde o poder se exerce sobre sujeitos livres (no sentido de que podem optar, por exemplo, dentre diferentes possibilidades de comportamento) e a ação não se reveste de nenhuma forma de violência. Costa e Silveira (1998, p. 350) expressam que “É pela ação às quais os discursos nos incitam que exercemos o governo de nós mesmos/as, tornando-nos agentes de nossa própria sujeição.” Ou seja, os sujeitos “livres, racionais e com ampla capacidade de discernimento” não estão imunes aos efeitos do poder. Recorro, novamente, a Costa e Silveira (1998, p. 349), que em sua análise observam:

Quando examinamos a revista *Nova Escola*, não estamos simplesmente lidando com palavras e imagens, mas analisando um conjunto de perspectivas, métodos e “verdades”, organizados e colocados à disposição, constituindo práticas com propriedades prescritivas, moldadoras e fixadoras.

Ora: na matéria de novembro de 2004, são articuladas participações de personagens e instituições, como pessoas vinculadas ao meio sindical, com a identificação dos respectivos sindicatos, e, no caso de Rita de Cássia M. T. Stano, autora do livro “Identidade do professor no envelhecimento”, com atuação profissional em área de interesse da matéria; tais falas, possivelmente, servem para potencializar e legitimar “verdades” expressadas pela revista. Assim, quando um/a professor/a lê um relato ou uma opinião de um/a colega de profissão, como por exemplo, um/a sindicalista, ele/a pode pensar – “é um/a dos/das nossos/as” – e isto poderá facilitar a aceitação das idéias expostas; assim como, quando se pronuncia alguém que já escreveu sobre o assunto tratado, a publicação legitima o saber, possibilitando a aprovação das idéias apresentadas. No caso da matéria em questão, as falas dos representantes sindicais e a da revista estão inclusive justapostas, dando a impressão de que fazem parte de um mesmo discurso; o que também ocorre com as falas de Rita de Cássia M. T. Stano e a da revista. Portanto, considerando-se o exposto em relação a *Nova Escola*, no que tange aos anos de 1990 e à matéria intitulada “*Vou me aposentar. E agora?*” de 2004, é possível ver esta última como um espaço no qual o poder se exerce pela prática da governamentalidade.

Desta forma, a prática da governamentalidade pode se corporificar, dentre os/as leitores/as, quando passam a organizar suas práticas, a partir de

idéias assumidas como suas; e assim, atuando como agentes de determinados discursos, vinculados a determinadas verdades.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marise Basso. Natureza e representação na pedagogia da publicidade. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BUJES, Maria Isabel. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã, 1999.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A revista Nova Escola e a constituição de identidades femininas. In: BRUSCHINI, Cristina; HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Orgs.). *Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1998.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15 – 46, jul. / dez. 1997.

SILVEIRA, Fernanda Romanezi da. *Um estudo das capas da revista Nova Escola: 1986-2004*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas. PPGEdU, 2006.

Site de Publicidade da Editora Abril. Disponível em: http://publicidade.abril.com.br/geral_circulacao_revista.php. Acesso em: 01 jul. 2006.

TARDIFF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Matéria analisada

GIRARDI, Giovana; SOARES, Carla (colaboradora). Vou me aposentar. E agora? Nova Escola, São Paulo, p. 24 – 27, nov. 2004.